



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

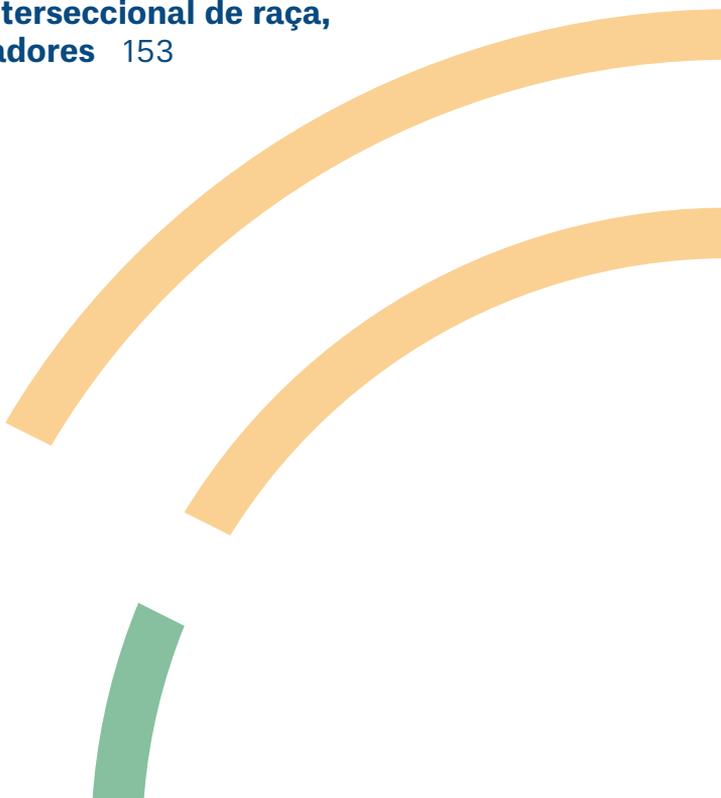
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais

Flora Egécia

A escolaridade e as origens da minha família

Tenho cinco irmãos, uma sobrinha e meu pai e minha mãe estão vivos e presentes em minha vida. A origem da minha família é simples e, com orgulho, faço parte da segunda geração que tem curso superior. Meus pais nunca precisaram me explicar sobre a importância da educação, pois sempre os vi como exemplo vivo disso. Dentre os diversos cuidados que eu e meus irmãos recebemos, garanto que a educação foi uma das prioridades. Cresci com a meta fixa de ingressar em uma universidade federal. Enfrentando diversos obstáculos e nunca medindo esforços, meus pais me garantiram uma educação em escolas particulares, o que sem dúvida contribuiu para toda a minha história. Apesar de ter estudado em instituições particulares, o fato de ser uma das pouquíssimas alunas negras nesse espaço sem dúvida afetou meu aprendizado, assim como definiu traços da minha personalidade. Em contraponto a essa realidade, que não é só minha, mas brasileira, meus pais me proporcionaram uma “educação racial”, com uma didática baseada no amor, no autoconhecimento e em conhecimentos históricos. Cresci com muita consciência sobre o que é ser negra, negro e negre no Brasil, o que não reduziu o racismo nos espaços, mas me munuiu de força para o enfrentamento diário dele.

Minha escolarização: ensino básico, ensino médio, graduação

Durante o ensino médio, acompanhei o mais perto que pude a implementação do sistema de cotas na Universidade de Brasília, a primeira universidade federal brasileira a dar esse importante passo! Eu estudava no período matutino e à tarde ia frequentemente para a

Universidade participar de debates e eventos relacionados às cotas. No ambiente escolar esse tema era muito cansativo, pois eu era a única aluna da minha escola que defendia as cotas, além de mim apenas os professores de história e geografia tinham esse posicionamento. Como já citei, eu era uma das poucas alunas negras da escola, o que me colocava numa situação mais desconfortável ainda, por haver um equivocado entendimento geral de que se tratava de um sistema muito injusto. Apesar desse contexto, eu sempre tive convicção de que era um sistema urgente e apenas o início da reparação histórica que o Brasil deve à população negra.

Descobri, por meio de cursos técnicos que fiz durante o ensino médio, minha vocação para o *design* e marquei essa opção para o vestibular. Com o apoio dos meus pais, ao terminar o ensino médio, fiz um cursinho pré-vestibular, ingressando em Desenho Industrial na UnB no segundo semestre de 2006.

Finalmente, lá estava eu, Flora Egécia, na UnB

Quando ingressei na UnB pelo sistema de cotas, estávamos em 2006, apenas dois anos após sua implementação. O *campus* da UnB tinha mais corpos negros, mas ainda poucos. Me recordo de um ambiente um pouco mais naturalizado com a política, e não me sentia mais tão só como no período escolar. Junto com as cotas a UnB promoveu vários eventos e programas que acolhiam os alunos cotistas.

Para ilustrar como foi minha graduação, sua importância em minha trajetória e o que foi possível a partir dela, reproduzirei uma versão adaptada da minha carta de intenção para ingresso no mestrado:

Sou formada em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília (2006-2011), com habilitação em Programação Visual. Com grade flexível e um sistema que estimula a transdisciplinaridade, o IdA e a Universidade de Brasília me proporcionaram trocas com docentes, estudantes e técnicos de diversas áreas, incluindo Artes Visuais, Comunicação Social e Psicologia. Na Universidade, também aprendi a me posicionar politicamente e a me organizar para, por meio da minha formação, participar das lutas sociais com as quais me comprometo. Ainda durante a graduação, em 2008, desenvolvi e apresentei um projeto de Pibic pelo Departamento de Artes da Universidade de Brasília. Como integrante do coletivo de fotografia F/508, em 2009, ensinei fotografia a adolescentes que cumpriam medida socioeducativa no extinto Caje – Centro de Atendimento Juvenil no DF. Em 2011, ano em que me formei, fui coidealizadora da *Revista Nil*, publicação digital e impressa que teve como objetivo divulgar talentos artísticos cujos trabalhos ainda não circulavam, em especial artistas do Distrito Federal. Em 2017 recebi um prêmio, junto com meus sócios do Estúdio Cajuína, de empreendimento com relevância na promoção da cultura afro-brasileira no Distrito Federal. No primeiro semestre de 2018, como aluna especial, cursei a disciplina Urbanidade e Cartografia, no Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) na Universidade de Brasília. Atualmente, a obra audiovisual *Das Raízes às Pontas*, cuja direção eu assino, compõe a lista de obras obrigatórias do Programa de Avaliação Seriada (PAS) para ingresso na Universidade de Brasília.

A Pós-Graduação na UnB

Em 2021 me inscrevi, também pelo sistema de cotas, no processo seletivo do mestrado em Design na UnB (PPGDesign). A pesquisa de mestrado que desenvolvo atualmente (2022) no PPGDesign do IdA/UnB tem o objetivo de identificar os pontos comuns e divergentes entre o imaginário urbano de Salvador-Bahia nas primeiras décadas do século XXI e a cidade de Salvador imaginada presente em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), a qual se passa predominantemente no século XIX.

Em minha pesquisa de mestrado, investigo as semelhanças e diferenças das experiências das mulheres negras com seus corpos socialmente constituídos na cidade, do ponto de vista da constituição do imaginário. Também pretendo contribuir com a perspectiva dos estudos de interseccionalidade (Crenshaw, 2018). A interseccionalidade de gênero, classe e raça está presente em todo o percurso da pesquisa. Ela nos permite enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias (Crenshaw, 2018). No que diz respeito ao imaginário social acerca das mulheres negras, buscamos autores como Silva e Peres (2008), segundo os quais o lugar social previsto para essas mulheres, na atualidade, é de apagamento e silenciamento. Além disso, trago estudos que situam a obra *Um defeito de cor* (Duarte, 2022) como constituinte do gênero literário romance.

Na primeira etapa do percurso metodológico da pesquisa, já iniciada, está sendo realizada a revisão bibliográfica. Em seguida será analisada a obra em si, com ênfase nas experiências da protagonista na cidade de Salvador. Na terceira etapa da pesquisa será observada e analisada a cidade de Salvador contemporânea. Para tal será aplicada uma metodologia validada para estudo de imaginários urbanos (Silva, 2000).

Narrada em primeira pessoa, a obra *Um defeito de cor* retrata uma experiência da escravidão, das revoltas e das conquistas da população negra sob o olhar de uma protagonista negra. Trata-se de uma metaficção historiográfica (Hutcheon, 1991), baseada na vida e nos escritos de Luísa Mahin, ex-escravizada, mãe do advogado abolicionista Luís Gama e uma das líderes da Revolta dos Malês. No livro, Luísa Mahin é identificada como Kehinde – nome de batismo no continente africano – ou Luísa Andrade da Silva – nome de batismo no Brasil.

Retirada ainda criança de seu país de origem, Benin, no continente africano, a protagonista, Luíza Mahin/Kehinde, é vendida e escravizada assim que chega ao Brasil (Gonçalves, 2006). Algumas cidades, do Brasil e do continente africano, são cenários do romance *Um defeito de cor*, predominantemente ambientado em Salvador. Na obra, é descrita uma cidade de Salvador ficcional, imaginada, baseada também em registros históricos, a partir de olhares de corpos negros socialmente constituídos que vivenciam a experiência da interseccionalidade de raça, gênero e classe. Salvador é a capital brasileira com maior número de habitantes que se autodeclararam negros, cerca de 82,1% da população, segundo dados do IBGE (2010). A cidade foi, também, a que mais recebeu africanas e africanos raptados no continente africano e escravizados no Brasil.

Na pesquisa, parto da ideia de que a literatura é uma das formas de compreender e significar a identidade de uma cidade, permite expressar a experiência (Pinheiro; Silva, 2004). Além disso, a escrita contribui com a memória da cidade e imprime sua identidade. Assim, cidades imaginadas ou imaginárias, presentes na literatura ficcional, não se limitam à imaginação das autoras (Pinheiro; Silva, 2004).

Encerro com uma citação de Grada Kilomba: “Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridades da nossa própria realidade”.

Vida longa à Universidade de Brasília, espaço que, positivamente, marcou e marca a minha vida e a de muitos/as outros/as jovens negros/as no Brasil.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics [1989]. In: BARTLETT, Katherine; KENNEDY, Rosanne. *Feminist legal theory: Readings In Law And Gender*. Routledge, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Na cartografia do romance afro-brasileiro, Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves*. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/arquivos/autoras/anamariacritica03.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 29 abr. 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. (org.). *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura [online]*. Salvador: Edufba, 2004.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. Bogotá: Tercer Mundo, 2000.

Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroafirmidade UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice